

Semanario republicano, independente, defensor dos interesses deste concelho

Director, adm e propriet. — José da Silva Vieira. — Redactor no Brazil: A. Eiras. — Editor — Julio de J. Giesteira Lima. — Composição e impr. — Typ. Espozendense — Espozende

Assinatura: Anno, sem estampilha \$3000 rs. — Com estampilha e para fóra 10\$000 rs. — Brasil, (Moeda forte), 30\$000 rs. — Colonias Portuguezas, 25\$000 rs. — Numero avulso 200 rs. — Pagamento adiantado. Redacção e administração — Rua Veiga Beirão, 7 a 9 — Espozende.

Annuncios: Judiciaes: linha ou esp. de linha 0\$50 esc. — Annuncios particulares: linha 40 c. Commun. ou reclames, linha \$30 c. Imposto do selo, cada publicação. 15 c. — Reclames a obras literarias mediante um exemplar. Não se restituem originaes não publicados.

Este n.º foi visado pela Comissão de Censura do Vilano do Castelo.

* * * DECANO DOS JORNAIS DO DISTRITO DE BRAGA * * *

Imprensa Provinciana

Pouco ou nada têm dito sobre o Sindicato Profissional da Pequena Imprensa, os jornalistas provincianos; e, apesar de eu ter recebido alguns jornais para *dizer algo* sobre tão alevantado assunto, no velho *Espozendense*, mais não recebo, de certo, porque nada dizem, não sabem como me responder, não querem ligar-me importancia, ou não simpatizam com a ideia.

Façam favor de falar, que eu estou á espera.

O que por agora se me oferece dizer-lhes é que por ocasião do Congresso deste organismo, já não me simpatizava lá muito bem um suelto jogado por um jornal republicano contra outro monárquico.

E um jornal *que foi o iniciador* do Sindicato em perspectiva, que teve como base o Congresso da Imprensa Provinciana, lá vem também, contra os monárquicos e contra os reaccionários, que neste caso são os religiosos, que tanto podem ser os católicos como os protestantes.

Não era debaixo do ponto de vista politico que eu tinha abordado a questão porque esse ponto não me interessava; — foi debaixo do ponto de vista economico, no interesse de todos em geral.

Mas como a intenção é de unir a imprensa republicana da provincia, já a tal PEQUENA IMPRENSA não abrange; — sim não abrange TODA a imprensa, como seria para desejar, porque procuram extremar os campos, o que quer dizer: — que para o Sindicato não pense em entrar imprensa politica contrária...

Ora antes de mais nada, notem, que o Estatuto frisa que o Sindicato é alheio a questões de ordem politica e religiosa.

Fiz as minhas considerações de ordem geral e não parcial.

Entendo por imprensa — TODA A IMPRENSA DO MEU PAÍS; mas como o caso se está tornando bicudo capaz de varrer a memoria do mais solitário, deponho a pena sobre este assunto em férias.

Que consigam as suas aspirações, que pode ser muito bem que seja para uma parte guerrear a outra em politica adversa; na certeza que, criando uma barreira a que muitos se investiram, criaram também uma antipatia nos colegas de politica adversa, de que com muito pezar fico sciente, deitando-me fóra de quaesquer discussões que em meus colegas não tenho visto, tendente a

levantar uma obra que seria bela em Portugal.

Nesta conformidade, não é possível o meu vasto plano apresentado, nem é viavel com tão reduzido numero, qualquer tentativa de unificação da imprensa da provincia, porque fica ainda muita imprensa de fóra e essa é a conservadora.

Não tomem a mal esta minha observação, pois o meu exposto era para todos os meus colegas, sem excepção alguma, porque sou independente e livre-pensador.

Oxalá, a minha tésse não seja de tempo perdido.

Porto.

João Agostinho Landolt

RAPAZES DOS TEMPOS IDOS

FIRMINO LOUREIRO

Cá temos outro fóra do curso. A natureza tem seus caprichos. Olhos azues e *peçoção* cor de rosa, são regalias que éla apenas concede a uns tantos. O Firmino nunca teve disso, foi sempre assim

Feio? Não direi tanto. Sabes lá onde começa e onde acaba o capricho das mulheres no genero amor? Quem o feio ama...

Não somos nós, os homens, quem decide. Essa coisa é com élas.

A verdade é que o Firmino, noutros tempos, e há quem diga que ainda hoje, chegou a ser requestado por muitas e muito variadas Lilis.

Casou, e se casou é porque alguém o achou simpático, pelo menos. Simpático!!..

Adeus, ó simpático!

A simpatia, no dizer da bruxa de Palmeira, é tudo, o resto... quasi nada, não é verdade Firmino?

Morêno?

«Morêno era Cristo»

Tardes amênas e noites silenciosas trocou-as desde menino e moço pelo rugido das procelas, no mar, no grande mar que,

«Ora sereno e calmo a praia vem beijar,
«De noite, mansamente, em noites de luar,
«Ora revoltó brame em fortes convulsões
«Rangendo muito ao longe em grossos vagalhões.

Foi um batismo, ao entrar na

vida do mar.

Saído dos bancos tóscos da academia de *Alem da Ponte* onde teve as honras de *bonbo* nas grandes festas, bem cêlo começou a *quartear milhas* e a declinar a rosa dos ventos naquela *casca de noz* governada por seu pae, o velho e honrado Clementino, de saudosa memória.

Bom Sucesso se chamava o barquito onde o Firmino fez as suas primeiras viagens.

Há quantos anos isso vae!...

Môço, marinheiro, piloto e comandante, bateu todo o teclado náutico, conhecendo como um mestre a arte da navegação.

Quazi toda a sua carreira foi feita no norte do Brazil. No *Alfredo*, o vaporsito que foi propriedade sua, tocou quazi todas as terras que marginam o colossal Amazonas, desde o Pará e Manans até ao Alto Acre exposto ás ardencias de um sol de queimar, ou ás chuvas torrencias que por vezes tornavam o Colosso num mar encapelado.

Quantas vezes viu a morte naquele clima horrivel que tem victimado tantos compatriotas nossos!

Do fructo da sua ardua tarefa, amealhou um pecúlio para regressar ao ninho pátrio donde saíra ao ensaiar os primeiros vôos da vida.

Há muito aposentado, não se tem mantido inativo. Deve-lhe a nossa terra muitos beneficios.

Presidente da Camara nos tempos que já lá vão, grande numero de melhoramentos se devem ao Firmino. Justiça a todos. Jardim Rodrigues Sampalo, a terros da Dóca, limpeza das ruas, o Matadouro e outros, são obra da sua gerencia na Camara. Justo, activo e honesto, ainda hoje, velhos empregados que serviram sob as suas ordens, se recordam com certa estima do seu antigo Presidente.

Casado, não tem filhos. Tomou um *engeitado* a quem dedica o melhor dos seus affectos. É o «Club Fluvial Espozendense». Os escaleres, as corridas, as regatás, são o seu *pão de cada dia*, o sonho constante da sua vida. Não dorme, não come, não descança, em dias de festa do Club. Taças, fitas, bandeiras, medalhas, as balizas no rio, eis a sua preocupação naqueles dias.

Rálha, pragueja, barafusta, mas é um regalo ouvi-lo quando ganha. Até os ólhinhos (olhinhos é como quem diz) se riem.

Bom rapaz (para rapaz já é entradote; 62, dá-lo a certidão de idade), bom amigo, bairrista dos quatro costados, o Firmino é o que ali está: — não tem um inimigo, todos o estimam. Está dito tudo.

O caes, o rio e o mar são os seus grandes amores. Todos os dias lhes faz a sua visita, a matar saudades doutros tempos e a vêr se sae alguma lampreia.

E viva o velho.

Dezembro de 1930. ELÁDIO.

A seguir — ROCHA GONÇALVES.

CONTOS E LENDAS DO MINHO

Rehabilitação postuma

O Dr. João Nepomuceno Pereira da Fonseca Silva Velloso, nascido na casa da Torre de Moldes, Remelhe, era filho de D. Josefa do Sacramento e Silva e do Capitão José Pereira da Fonseca, que fora Cavaleiro professo na Ordem de Cristo, Sargento-Mór da vila de Barcelos, algumas vezes vereador, etc.

O Dr. João Nepomuceno era o Ouvidor da comarca de Barcelos em 1809.

Principiava este ano em Portugal com a terceira invasão franceza, comandada pelo general Soult, a qual ameaçava mui principalmente a provincia do Minho.

Emquanto se trabalhava sem descanso na casa de Remelhe, sob as ordens de um filho do Ouvidor, na confecção de cartuchame para distribuir pelas mal apercebidas Ordenanças da comarca, mandara este um proprio a Galiza a informar-se dos movimentos das tropas invasoras.

O inimigo, rechassado em 16 de fevereiro nas margens do Minho, junto á sua foz, inicia a invasão por Chaves, que toma em 12 de março, força o passo de Ruivães e Salamonde e entra sem difficuldade em Braga.

Para que não falte coisa

alguma ás de-providas Ordenanças de Barcelos na sua marcha em defeza daquela cidade, o Ouvidor andou a solicitar viveres pelos povos do seu distrito e promoveu a sua immediata expedição.

Caindo Braga em poder dos francezes, vão estes sobre as margens do Ave e d'ái sobre o Porto, que tambem é conquistado.

Do grosso do exercito são então destacados alguns generais para submeter e *apaziguar* varios povos em Traz-os-Montes e no Minho.

Lorges percorre esta ultima provincia e nas povoações que oferecem alguma resistencia, como Ponte do Lima, trata-as com toda a cruza.

Barcelos, que já não via *os seus dezesete mil peitos armados*, como diz o poeta, abandonada pelos nobres e pelas suas forças militares, recebe pacificamente os invasores.

O Ouvidor como os antigos senadores romanos, tinha-se mantido no seu posto. Desassistido porém das autoridades da comarca, perante a consumação dos factos, recolhe-se á sua pendencia e recebe o inimigo com urbanidade e humilhação decorosa.

Salva desta maneira a vila do saque, o que aconteceu nessa ocasião a poucas terras em Portugal.

Já se não dá o mesmo em algumas freguesias rurais, principalmente entre Barcelos e Espozende; os bravos guerrilheiros, fugidos de Salamonde e do Carvalho d'Est. alcandorados nas alturas de Creixomil e Mariz, atacam um destacamento do exercito francez que desimam, recebendo em represalia as povoações por onde passa os maiores ultrages: a violação, o saque e o incendio.

Vejamos agora como o Ouvidor de Barcelos, este nosso illustre patricio, recebeu o premio dos seus contemporaneos pelos beneficios que dos inimigos conseguiu para a vila que administrava.

Expulsos os francezes estava ele socegado na sua casa de Remelhe, quando esta foi cercada por tropas de Ordenanças, cuja quadrilha conduzia o capitão José Bernardo Maciel, do Couto de Capareiros, que o prendem e o levam como facinoro, entre chuços e baionetas, talvez ainda tintas do generoso sangue do grande general Bernardim Freire, pouco antes morto em Braga, para a vila de Viana Foz do Lima.

Da cadeia desta vila é transportado pouno depois

para a dos Arcos, onde se encontrava o quartel general do Marechal de Campo José Antonio Botelho.

Submetido nessa vila a um tumultuoso conselho de guerra, onde se deturpam os factos e não se ouvem testemunhas de defeza, é o Dezembargador João Nepomuceno Pereira da Fonseca Silva Veloso, antigo Juiz de Fora do concelho de Mecejana (1778), Ouvidor da comarca de Barcelos etc., sentenciado á morte e immediatamente executado!

Existe no cartorio da Misericordia dos Arcos de Valdevez o assento de obito deste infeliz vitima de seus feozes inimigos.

A justiça porém raiou um dia.

Por sentença de 15 de março de 1810, proferida pelo Venerando Tribunal da Relação do Porto, em revisão de processo, foi rehabilitada a sua memoria, pois ele «foi um Ministro qualificado e distinto, fiel e zeloso vassalo de Sua Magestade, amante da sua patria», como textualmente diz aquele nobilitante documento.

Os seus julgadores dos Arcos é que hão de ficar amarrados para sempre ao pelourinho da ignominia.

Z. F

O sono vai acabar

Estuda-se, agora, muito a sério, e com as maiores probabilidades de triunfo, a maneira de suprimir o sono.

Segundo o afirma um dos maiores quimicos europeus, descobriu-se já uma pastilha, um comprimido fácil de dosear, que lança a pessoa que a tomar num estado de letargia, apenas durante alguns instantes.

A letargia será tão completa, tão absoluta que equivalerá ao repouso do sono natural. Esta descoberta virá revolucionar profundamente as relações sociais, sendo provavel até que dê origem a uma nova espécie de saudosistas—os saudosistas do sono, os quais protestarão contra esta inovação quimica, com significativos bocejos.

Uma pergunta augustosa vai, de certo, brotar de todos os lábios:

—Que se irá fazer com um dia de vinte e três horas e cincoenta minutos?

CHÁ HORNEMAN'S

em pacotes pequenos
ao preço de 2\$00 e 1\$00 esc.
Vende-se na Havaneza

CUIDADO

Coração: porque palpita
No meu peito alucinado?
Soluças, choras desditas,
Sei-te tam atribulado,
Que chego a ter compaixão...
Não delires, coração!...
Meu coração .. mais cuidado!...

Acaso sofres d'amor,
Pulsas só, abandonado?
Se não, porque tanta dôr,
Tanto anseio desvairado,
Tanta lava de vulcão?...
Não delires, coração!...
Meu coração... mais cuidado!...

Bem sei; fere-te a lembrança
De nunca teres amado...
Se embalas uma esperança,
Logo um prazer é finado,
Nasce mais uma ilusão...
Mais cautela, coração!...
Meu coração... mais cuidado!...

Mulheres e flôres

A desfolhar «bem-me-quer»,
Vida incerta e triste passo,
P'ra vêr o quanto me queres,
Que eu fiar-me em mulheres
E' coisa que nunca faço!

Mas, se um me diz «bem-te-quer»,
Diz outro «não-te-quer-bem»...
De raiva fico a tremer,
Porque emfim, não há que vêr!...
Já não me fio em ninguém...

Quem diz mulheres, diz flôres;
Todas mentem, todas prendem...
E em matéria de amôres,
Quem diz mulheres, diz flôres,
E sendo assim... lá se entendem...

Perdidas

Alta noite,—desgraça!—almas perdidas
Andam vendendo a rir a carne nua
Por onde o vicio indômito flutua
E a tísica minaz destrói as vidas!

Vai além uma. O pranto, ás escondidas,
Cai em impuras lágrimas. Na rua,
O bulício noturno tumultua
E o pó apaga as lagrimas vertidas...

A dor dessa mulher minh'alma assiste
Chorando a sua vida, a sua cruz,
Do destino cruel na garra adunca...

Porque, se outrora candoio e triste,
A Madalena perdoou Jesus,
A Sociedade não perdôa nunca!

1930. Abel Vinha dos Santos.

Exponsais

Pelo snr. tenente Manoel Joaquim Candido Ferreira, foi pedida em casamento, para seu irmão senhor Luiz Gonzaga Candido Ferreira, de Macieira, (Barcelos), a Snr.^a D. Maria Jovita Vila Verde Alves de Faria, extremosa e gentil filha da Ex.ma Snr.^a D. Albina da Silva Vila Verde de Faria, e do nosso preclaro amigo snr. José Albino Alves de Faria, proprietarios e ambos professores officiais de Forjãas, dêste concelho.

O enlace efectuar-se-á na proxima primavera.

Jornais--Politica--Religião.

Um jornal, para ser defensor de um concelho, não basta só dizer-se—*republicano, independente, regionalista ou religioso.*

E' preciso saber ocupar o lugar do seu *partido*;—saber manter a sigrada galhardia da *independência*;—ser intemerato na defêsa do *regionalismo*;—e no campo *religioso*, que ha muitos, manter a disciplina entre os fieis, lendo e orando pela sua cartilha.

Mas infelizmente ainda não succede assim neste seculo das luzes, se bem que, ha duas dezenas de annos, a fobia jornalística, em todos os campos politicos e religiosos, foi violentamente sacudida em tanto ódio desencadeado pela reviravolta politica do Estado.

Ser *republicano* não é para ser contra a *religião*, porque até, mesmo naquele campo, se mantém a neutralidade, a independência, em matéria religiosa;—mas declarar-se *um bom republicano*, respeitando e servindo as instituições, dignificando o crédito da Nação e fortalecendo e prestigiando a República, como simbolo da Liberdade.

E' com teorias baseadas nos mais probos processos de administração a responder aos desbaratos dos maus politicos e dos perniciosos elementos dos partidos que se pacifica e engrandece um povo.

Dar tratos de polé á *religião*, que neste caso é sempre a *Católica* a alvejada, não é admissivel, porque ela não tem o privilegio de prioridade sobre todas as religiões dos povos; quando muito, os seus ministros poderão ser merecedores dos reparos nos seus actos, nunca porém condenavel o ritual liturgico, que esse constitue um dogma exclusivo de cada religião, embora com elle não concordemos em parte.

Não é ser-se *independente*, até se tornar um indifferente parasita, nem *regionalista*, sem preencher os fins para que constituiu imprensa. Tudo tem a sua rotação, mas dentro do campo da doutrina e da politica que se professa;—de tal forma encarado este problema, que se assim fôsse, realmente não existiria a guerra entre os homens e entre os partidos.

Mas... como já a *Mitologia* nos havia dado Vulcano, Júpiter, Neptuno, Marte, emfim, toda uma pleiade de habitantes que gozaram efeitos de luz inteiramente desconhecidos para nós, que admira que o mesmo ciclo, através do tempo ainda hoje gire em torno da rotação da terra, por atrazadissimos representantes que ainda não desempenham verdadeiramente a função social para que a tendência biológica os fadára?...

E' portanto, preciso, que um grande sociólogo surja e indique o giro, sob a vista e a palavra, para que a função que se desempenha, seja cabal e completa.

Deixaria de haver como o fogo o sentimento do ódio; como o mar, o sentimento da cólera; como a guerra, a ânsia do extermínio; como, emfim, das mil explosões de chispas, as esquirolas que fendem e que marcam.

Não me compete a mim, pobre ignorante em assunto de tanta magnitude, revelar a sciência psicologica duma raça;—mas não queria vêr no coração dos homens o incendio

lambendo o remanso das almas pacificas; um mar revolto de paixões; uma carnificina sem treguas; e o sólo convertido em cratera, donde em vez de irromper a lava dum explosão, é muito mais crível a hipótese dum explosão social de tão perniciosos efeitos como os castigos da Natureza.

São geralmente, es'as, as consequências da má imprensa, da má politica do mau regionalismo e da má religião, em que os seus douses — chamemos-lhes assim — trem mais ou menos virtudes corrompidas que nem sempre funcionam com a regularidade devida, para desempenharem a justeza dum sólido movimento.

A moderna maravilha das mais recentes sciências — telegrafia sem-fios, rádio telefonia e direcção aérea, tem mais visos de verdade em tudo quanto nos apresenta por intermedio das suas maquinas, do que o pensamento humano através da imprensa da politica e da religião nos expõe em letra de fôrma, que até se está tornando atrazado, porque nem frequentou universidades, nem cursos superiores, para nos patentear o grau de aperfeiçoamento das suas aptidões.

As convulsões sociais nol-o demonstram.

Porto 31 de Dezembro 1930.

João Agostinho Landolt.

CUPIDO

ASSASSINO

Conto de VINHA DOS SANTOS

I

Corriam no espaço grandes núvens negras, que ameaçavam a cada instante desabar sobre a terra em catadupas de água.

O vendaval assoviava, possesso, sacudindo com a brutal violencia de um Titã o arvoredo despido da mata, cujos galhos, erguidos ao alto, lembravam descomuns braços de victimas a implorar a clemencia divina.

Na cerrada escuridão daquela tenebrosa noite de Dezembro caminhava um homem embaçado em amplo capote de grosseiro pano. Cobria-lhe a cabeça largo chapeirão desabado que, caindo á frente sobre os olhos, lhe dava o aspecto sinistro de saltador ainda mais accentuado pelo enorme cajado de sobreiro a que se apoiava.

Parando a miudo, estendia o pescoço e seu olhar, onde brilhava não sei que fulgor de esperança, tentava lobrigar atravez de denso veu da noite vago ponto que o orientasse naquella desordem da natureza, luz ou que quer que fuisse...

Baldado intento, porém. O clarão violáceo dos relampagos que riscavam o espaço, era a única luz que poderia ter se não o cegasse seu vivo fulgor, que o fazia tremer de medo.

Se este incauto viajante fôsse saltador, como á primeira vista pareceu, a intrepidez dos maus venceria a fraqueza dos bons; mas este não o era. Vindo de bem longe, tacteava nas trevas como cego, tropeçava nos acidentados de terra como forçado a quem o peso da grilheta tolhesse o andamento.

Parou sob um carvalho anoso, carcomido pela podridão. Encheu o cachimbo, petiscou lume e preparava-se para continuar a marcha interrompida, quando formidando trovão rolou pelos ares.

Um raio caiu a uns duzentos metros de distancia, iluminando a mata, como potente holofote que varresse as trevas.

—Bendito Deus!, murmurou o ho-

mem recuando.

Outra descarga, outro trovão mais temeroso e a chuva começou a cair torrencialmente.

O viajante caiu de joelhos tremulo de horror e persignou-se. Depois ergueu a face livida para o Ceu balbuciando fervorosa oração á piedade divina.

—Meu Deus! Amparai os passos deste vosso humilde servo... Que a estrela que guiou os Reis Magos a Belém, onde nasceu vosso divino filho, me guie a casa de minha mãe livre de perigos!

A postura contricta do desgraçado lembrava a de um monge recolhido na oração, quando as tempestades da alma ameaçam perder os homens.

Parece que a sua préce foi escutada e atendida. Um hereje diria que tinha que acontecer; mas um crente agradecerá ao Supremo Juiz que tudo rege mais um milagre.

Gradualmente foi se apaziguando a fúria dos elementos desencadeados. A trovada afastou-se com ribombos surdos e espaçados, como o rugido cavo do leão que se embrenha na selva ferido de morte.

A chuva deixou de cair e por entre duas núvens, numa nesga azul de ceu, lucilava, a tremer, um punhado de estrelas...

O homem levantou-se, tomou o cajado e recomeçou a marcha forçada atravez da mata.

Trazidas pelo vento, chegaram-lhe aos ouvidos duas badaladas.

—Duas horas!, monologou. «Deve estar perto, mas faltam-me as forças...

A lembrança da mãe, da noiva e de que ambas estavam á sua espera, deu-lhe ânimo. Apertou o passo tiritando, embaçando-se cada vez mais no amplo capote.

Ouviu bater três, quatro horas da madrugada.

Distante, quebrou o silencio do dilúculo a voz metálica dos galos, annunciando a alvorada dum risonho dia. Despertava a fauna animal e a terra úmida fumegava.

II

Vencido pelo cansaço, estirou-se no chão, apoiou como póde a cabeça na trouxa da roupa que trazia e adormeceu, pensando na mãe velhinha que o esperava com a Ceia melhorada da Grande Noite, dando talvez mais uns retoques no lindo presépio doirado, que era todo o seu encanto de criança...

Sonhou com a noiva... Via-a, rosada e formosa, ao muro do quinteiro, entre dois grandes vasos de cravos e mangericos, sorrindo-lhe com amor.

Depois uma núvem diáfana, que pouco e pouco se foi escurecendo, acabou por envolvê-la, como mística visão da lenda...

Ah! agora era um rapaz bem trajado que aparecia... Bem o conhecia! Era o filho do doutor. Descia o carro que passava zigzagando pela casa da noiva, da sua Maria dos Anjos, da sua vida, do seu amor...

Mas quê? Que via? O moço parou. Cortejou-a, subiu ao muro e beijou-a!

Uma convulsão de revolta sacudiu-o. Percorreu da cabeça aos pés um calafrio mortal, como o choque imprevisito dum corrente eléctrica.

Levantou-se e passou a mão pela frente. Escaldava.

—Pode lá ser! chaaqueou. Ora eu que ia a acreditar num sonho!

E ria, ria muito, para afugentar o dragão de ciúme que começava a morder o.

Um melro passou ás gargalhadas.

Gritou um gaio por entre os pinhais. E éle que já divisava as casas brancas do povoado, aninhadas no vale e, lá ao fundo, o rio a cantar nos açudes a sintonia da vida, atalhou por campos e casais, aquecido pelos raios matutinos de sol, que assomava ao cimo dos cérrros numa sarabanda doida de luz...

—Bons dias Deus lhe dê, minha mãe! exclamou radiante ao transpor o umbral da porta de casa.

Uma velhota de sorriso nos lábios palidos, seu ar de alegria a espalhar-se

pelos vincos que o arde dos anos lhe cavara no rosto, correu ao seu encontro.

—Eh! Manuel! Cuidei que não vinhas, meu filho! Não calculas que Ceia triste foi a minha, tam só, tam só, com o pensamento em ti, que andavas de baixo de temporal bravo, longe de casa!...

Abraçaram se comovidos. Nas faces de ambos bailavam lágrimas de ternura.

Entraram. Manuel chegou-se á vidraça da janela, onde o sol batia coruscante. Olhou para o largo da capela. Um grito de dôr, mixto de espanto e raiva, rouquejou lhe na garganta.

—Que tens, filho? inquiriu a velha.

—Nada... reguegou.

E dispôs-se a sair.

—Onde vais? voltou a mãe aflicta.

—Vou até ali espairer... volto já... volto já...

E foi.

Ela espreitou-o pela janela ansiosa. Viu o dirigir-se ao encontro de um par que descia muito junto das bandas do adro. Parou Manuel junto dele, levou a mão ao bolso e apontou, num tresloucado gesto homicida, um revolver ao peito do outro.

A velha escondeu o rosto nas mãos trémulas e um grito pungente, abafado, saiu-lhe da garganta.

Ao mesmo tempo soára um tiro.

A môça fugia espavorida ao ver tombar o corpo inerte do amante, banhado em sangue.

E o povo começou a afluir ao local do crime, ululando imprecações contra o maldito, o assassino do filho do doutor...

FIM.

Camara Municipal

Sessão ordinaria de 22 de Dezembro de 1930

Presidencia — tenente Jaime Olímpio — vice presidente, Secretariado pelo snr. José Gonçalves Pereira de Barros, Volgal—Francisco Xavier R. Viuna,

Aberta a sessão e depois de lida e aprovada a acta em minuta da anterior, foi apresentado vario expediente.

REQUERIMENTO

Um de Antonio Ferreira Nives, da freguesia de Fonteboa deste concelho no qual requer a esta Comissão licença para vender com muro a sua propriedade no lugar de Freixeiro.

Acordão em Comissão: Deferir como requer indo ao local dar-lhe o alinhamento.

PAGAMENTOS:

Foram auctorizados diversos pagamentos.

Demolição do Predio em Fão

Foi presente o processo de demolição do predio urbano, sito na rua da Praça da freguezia de Fão, deste concelho, no qual se vê terem sido intimados em tempo competente os cidadãos, P.º Jeronimo Gonçalves Chaves, Domingos Alves dos Reis, presidente da Junta de freguezia e Joaquim Gonçalves, casado, sapateiro, inquilino do predio em questão—prédio esse que já se encontra devoluto como esta Comissão mandou verificar, sendo resolvido em virtude disso que o processo não tenha mais seguimento.

Nada havendo mais nada a tratar foi encerrada a sessão.

Hospital

Do ex.º sr. Visconde de Moraes, grande benemerito da nossa Casa de Caridade, recebeu a meza a quantia de 500 escudos.

Do ex.º sr. Antonio Quartin, de Viana do Castelo a quantia de 20 escudos.

Bem haja a estes illustres cidadãos pela generosa lembrança.



VENDEN-SE

—CASAS

Vendem-se duas moradas de casas sitas na rua 1.º de Dezembro, desta vila, com os respectivos quintais, pertencentes ao sr. Julio Fernandes de Carvalho.

Quem pertender pode falar com Manuel Nunes Beirão, desta vila.

FABRICA DA GRANJA BARCELOS

Reparação de todas as marcas de automoveis, carroseries para camionetes, accessorios Ford e outros.

Mobílias, madeiras para construção.

DICIONARIO DA LINGUA PORTUGUESA

FOR

EDUARDO DE FARIA

2.ª edição, de 1850

4 vol. esplendidamente encadernados.

Seguido de um dicionario de sinonimos contendo:

Todas as vozes da lingua portuguesa antigas ou modernas, com as suas varias accepções accentuadas conforme a melhor pronúncia e com a indicação dos termos antiquados, latinos, barbaros ou viciosos geografia antiga e moderna. E todos os termos próprios sciencias, artes e officios, etc., sua difinição analitica.

HISTORIA DAS IMAGENS DE NOSSA SENHORA

E das milagrosamente apparecidas, que se veneram no Arcebispoado Primaz de Braga e seus sufraneos.

Em graça dos Prégadores e dos da mesma N. Senhora.

DE

Frei Agostinho de Santa Maria

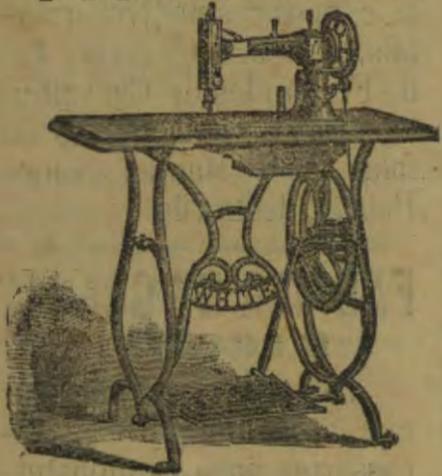
1 grosso vol., com capa de pergaminho

Edição de 1712.

Vendem-se, juntos ou separados.

Dirigir carta ou falar na "Livreria e Tip. Espozendense", de José da Silva Vieira—ESPOZENDE.

Automoveis de aluguer
 Conduite de luxo — 6 — logares
CARRO ABERTO
 TRATAR NA HAVANEZA
FREGOS CORRENTES



Maquinas Singer

para coser vendem-se a pronto pagamento e em prestações no Chic Parisiense, estabelecimento de fazendas de Emilio Fernandes, rua d'Areosa — Fão. Reparções gratuitas durante 5 anos. Dar-lhe a preferencia é ser em servido.

GRAND PRIX
 O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO - LONDRES 1904.
Xarope Peitoral James
 Prescrito em medallas de ouro nas exposições: Lisboa 1898, Paris 1889, Belem 1895, Amem 1884, Londres 1904, Rio de Janeiro 1908, etc.
 Heroico contra todas as afecções dos orgãos respiratorios, taes como: tosses rebeldes ou convulsas, ataques asma-ticos, bronquites agudas ou crónicas. Legalmente autorizado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal e pela Inspectoria Geral d'Hygiene dos E. U. do Brazil.
 A VENDA EM TODAS AS FARMACIAS.
DEPOSITO GERAL: FARMACIA FRANCO, FILHOS PEDRO FRANCO & C.ª
 RUA DE BELEM, 147 - LISBOA

ANAROCHA
 MÉDICA
 CONSULTAS DAS 10 AS 12
 (Excepto aos domingos)
 ESPOZENDE

EDIÇÃO MONUMENTAL
A História Ilustrada da Literatura Portuguesa

Formato 32x25

Em tomos mensais de 32 paginas, optimo papel couché, magnificamente ilustrados.

E CONTERA:

biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-similes de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais HORS TEXTE, e côres.

CONSTITUINDO

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reuna uma tão completa e curiosissima documentação gráfica, *Artigos de especializados professores e literatos de nome consagrado.*

Cada tomo 10\$00

A *História Ilustrada da Literatura Portuguesa*, com prebenderá pouco mais ou menos dois grossos volumes de 400 paginas cada e será uma publicação de luxo, para a qual se reuniram todos os elementos indispensaveis. A semelhança das *Histórias da literatura francesa* de LeLanson e Benedit e Hizard publicadas pelas importantes livrarias Hachet de Larousse, esta publicação constituirá alguma coisa de inédito, de grandes desse notavel nas nossas letras. Já mais se reuniram condições como para criação deste monumento, arquivo das maravilhas que nas letras a nossa história encerra.

ASSINATURA:

Preços, incluindo embalagens reforçadas

CONTINENTE E ILHAS:

Assinatura especial de cada número saindo mensalmente e pelo correio, contra reembolso (só para o continente e ilhas)

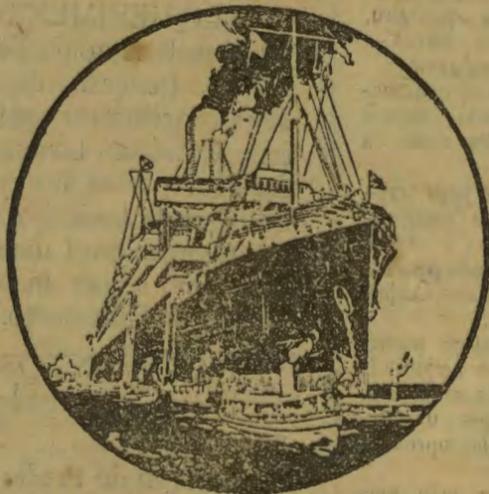
	3 meses	6 meses	1 ano
Assinatura (pagamento adiantado)	33\$00	63\$00	123\$00
		Registado	

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem — 10\$00

PEDIDOS às Livrarias ALLAUD e BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Assina-se nesta villa na Livraria Espozendeense Rua Direita

MALAREAL INGLEZA



Paquetes correios a vapor de Lisboa

DEPARTAM em 7 de Janeiro para Rio de Janeiro Santos Montevideo e Buenos Ayre
 DARRO em 4 de Fevereiro para Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Ay
 DESBADO em 18 de Fevereiro para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Ayre

Estes Paquetes sahem de Lisboa no dia seguinte e mais os paquetes:

- Arlanza** em 19 de Janeiro para Madeira, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos-Ayres.
- Asturias** em 1 de Fevereiro para Madeira Rio de Janeiro Santos, Montevideo e ALBIZORA em 16 de Fevereiro para Madeira Pernambuco Bahia Rio de Janeiro Santos Montevideo e Buenos-Ayres.

Na agencia do Porto podem os srs. passageiros de 1.ª classe escolher os beliches á vista das planas dos paquetes, MAS PARA ISSO RECOMMENDAMOS TODA A ANTECIPAÇÃO.

Dirigir os vossos agentes no norte de Portugal:

TAIT & CO.

19, RUA DO INFANTE D. HENRIQUE.—PORTO
 ou aos seus correspondentes nas provincias.

Aos lavradores

O Sindicato Agrícola de Viana do Castelo, no intuito de bem servir o numero avultado de socios que possui neste concelho, acaba de abrir no antigo armazem do Passos, no Fanico, **Uma delegação**, onde os associados do referido Sindicato encontrarão á venda **os mesmos artigos que se encontram na Séde, ou seja: sal, adubos, sementes seleccionadas, arame e ferro para ramadas, instrumentos agricolas, etc, etc.** Não deixem os nossos lavradores de visitar a referida casa; pois trata-se dum melhoramento indispensavel e que muito os pode beneficiar.

GRAND PRIX - O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO - LONDRES 1904

Presentado em medallas de ouro nas exposições: de Lisboa, 1898, Paris, 1889, Amem 1884, Londres 1904, Rio de Janeiro 1908, etc.
Pedro Franca & C.ª
 Rua de Belem, 147 - LISBOA

AUTOMOVEL DE ALUGUER

EXPLENDO «MINERVA» — 7 LOGARES BEM CONFORTAVEIS

CHAMADAS A QUALQUER HORA

ANTONIO DUARTE

Preços convidativos

Grafonolas "DECCA,"
 SEM RIVAL
 Discos e agulhas
 A' venda na HAVANEZA